

Jornalismo em defesa das causas perdidas: antagonismos do contemporâneo na narrativa de reportagens da *Agência Pública*

Journalism in defense of lost causes: Antagonisms of the contemporary in the narrative report from *Agência Pública*

César Raydan Diab

Universidade Federal de Ouro Preto. Rua do Catete, 166, 35420-000, Mariana, MG, Brasil
cesar_raydan@hotmail.com

Reges Toni Schwaab

Universidade Federal de Santa Maria. Linha Sete de Setembro, s/n
BR 386 KM 40, 98400-000, Frederico Westphalen, RS, Brasil
reges.ts@gmail.com

Resumo. O presente texto apresenta parte de uma investigação maior em torno da reportagem em espaços narrativos independentes, criados e mantidos por jornalistas no ambiente digital. Analisa um conjunto de matérias publicadas no site da *Agência Pública* de jornalismo investigativo e que tratam de tensões sociais do Brasil. Para uma leitura mais apurada, são trabalhadas 11 reportagens ampliadas, produzidas em 2012, todas publicadas na categoria *Marcadas para morrer*. Para produzir conhecimento a partir da análise da narrativa, a investigação está ancorada na proposição reflexiva do filósofo Slavoj Zizek sobre os antagonismos do capitalismo atual. No encontro das marcas textuais que caracterizam o espaço em questão são discutidos alguns caminhos possíveis para o jornalismo. A cartografia da *Pública* permite encontrar um complexo mapa sobre os antagonismos e as emergências que caracterizam nosso tempo e os modos de narrá-lo.

Palavras-chave: narrativa, jornalismo, *Agência Pública*, contemporâneo, novos apartheid.

Abstract. This text presents part of a larger research around the journalistic reportage in narrative spaces created and maintained by journalists in the digital environment. It analyzes a set of materials about the social tensions in Brazil published on the investigative journalism website *Agência Pública*. For a more refined reading, the text works with 11 extended reports produced in 2012, all published in the category *Marcadas para morrer*. In order to produce knowledge based on the analysis of the narrative, this research is grounded in the reflective proposition of the philosopher Slavoj Zizek about the antagonisms of contemporary capitalism. In the search for textual evidence that characterizes the space in question some possible ways for journalism are discussed. The mapping allows the *Agência Pública* to find a map on the complex emergencies and antagonisms that characterize our time and the ways to narrate it.

Keywords: narrative, journalism, *Agência Pública*, contemporary, new apartheid.

Introdução

Na atualidade, frente a um cenário marcado pelos avanços das tecnologias da informação, somado a outras possibilidades de comunicação, a reportagem se atualiza no ambiente

de plataformas digitais da Web 2.0 (ou 3.0). Tomando o jornalismo como prática social e discursiva, a diversidade dos espaços pelos quais se pode narrar uma história também abre fronteiras sobre como tecer os fatos. Se o jornalismo é o lugar onde mais se fala sobre a

vida do outro (Resende, 2009), a contingência digital cria diferentes possibilidades de mobilizar os sujeitos, lugares e tempos da narrativa, seja pela flexibilidade organizacional, pela interatividade/interação e/ou pelo encurtamento das distâncias oferecido por estes meios.

Esse caminho permite o surgimento de iniciativas como o *site* da *Agência Pública* de jornalismo investigativo (<http://apublica.org>), criado em 2011 por iniciativa de jornalistas e com o propósito de produzir reportagens de cunho social acerca dos problemas que afligem o Brasil.

Sob essa ótica, salientando as potencialidades do cenário digital, traçamos um eixo de investigação sobre o surgimento de “outros espaços” para a reportagem jornalística, tendo como problema norteador pensar *de que forma a narrativa jornalística da Pública elucidada questões do Brasil*. Percorrendo e salientando a abrangência da questão citada, tensionamos o lugar jornalístico do *site*, encontrando certas singularidades da narrativa e do gesto interpretativo que desenvolve sobre as emergências do contemporâneo, a partir dos acontecimentos reportados.

O estudo abarcou reflexões acerca da narrativa jornalística e construiu um dispositivo metodológico que pudesse dar conta do *corpus* selecionado para o estudo original,¹ do qual o presente texto é um recorte. Desse modo, o trabalho procurou explorar o que, do contemporâneo, nos é dado a ver pela narrativa da *Pública*, bem como os modos de afetação da atualidade na sua narrativa. Com isso, conseguimos visualizar que a *Pública* coloca em tensão antagonismos do contemporâneo – problemas ecológicos, propriedade privada e novos *apartheids* – sob uma perspectiva de problemas do Brasil contemporâneo. A amostra analisada congrega 11 reportagens da série *#MarcadasparaMorrer* (publicadas no segundo semestre de 2013), tratando, a priori, de sujeitos e suas experiências de vida.

Parte das ideias desenvolvidas neste texto, bem como a escolha do objeto, são resultado de uma pesquisa de iniciação científica intitulada *Narrativas jornalísticas e o reconhecimento das emergências do presente* (PROBIC/FAPEMIG 2013/2014). Esse projeto explorou narrativas jornalísticas que pudessem produzir algum tipo de ruptura sobre o contemporâneo e que

permitted discutir campos possíveis para a reportagem no cenário da comunicação digital. A pesquisa derivada teve como especificidade fazer trabalhar algumas ideias do filósofo Slavoj Žižek (2009, 2011, 2012) com o objetivo de criar um eixo conceitual para compreensão da sociedade contemporânea e das questões sociopolíticas que caracterizam nosso tempo.

Vivendo em tempos antagônicos

Pensando o contemporâneo e a problemática que subjaz a seu funcionamento, o filósofo Slavoj Žižek (2009, 2011, 2012) investiga de que maneira o capitalismo atual se firmou como consenso global e hegemônico. Nesse percurso, Žižek sugere que a própria negação ao modelo durante meados do Século XX corroborou sua consolidação e expansão. Para ele, apesar da rejeição ao sistema, o capitalismo superou os protestos da modernidade, adquirindo um novo espírito que perpassa as estruturas e se instala nas atitudes e subjetividades do ser. Em poucas palavras, “o capitalismo liberal-democrático é aceito como a fórmula finalmente encontrada da melhor sociedade possível, e tudo o que se pode fazer é torná-la mais justa, tolerante etc.” (Žižek, 2009, p. 2). Na busca por vias de resistência à organização liberal-capitalista, tanto no âmbito epistemológico como na prática social, ainda conforme o filósofo, a pergunta que surge é: “nós endossamos essa naturalização do capitalismo ou o capitalismo global de hoje contém antagonismos fortes o suficiente para impedir sua infinita reprodução?” (Žižek, 2009, p. 2). Por vias catastróficas, Žižek advoga por quatro antagonismos que subjazem aos impasses sociais, éticos e econômicos de nosso tempo. São eles: ecologia, propriedade intelectual, impasses da biogenética e novas formas de *apartheid*:

[...] o sistema capitalista global aproxima-se de um ponto zero apocalíptico. Seus quatro cavaleiros do Apocalipse são a crise ecológica, as consequências da revolução biogenética, os desequilíbrios do próprio sistema (problemas de propriedade intelectual, a luta vindoura por matéria-prima, comida e água) e o crescimento explosivo das divisões e exclusões sociais (Žižek, 2012, p. 11).

Dentre as categorias citadas, as diferenças entre os níveis antagônicos são essenciais.

¹ Trabalho de conclusão de curso de bacharelado em Jornalismo. Disponível em: http://issuu.com/cesardiab/docs/tcc-cesar_diab. Acesso em: 14/04/2014.

A biogenética, a propriedade intelectual e a ecologia tratam de questões de sobrevivência (física, econômica e antropológica). Os novos *apartheids* tratam de uma questão de justiça, passam pela existência de todos os outros antagonismos e expõem as relações de classe entre eles. Com isso, em termos gerais, para os problemas supracitados, a sociedade pode supor soluções viáveis, ainda que as diferenças entre as divisões sociais aumentem e novos muros sejam criados. Zizek atribui a causa desses antagonismos não só à perpetuação do capitalismo, mas também à proliferação global do consumo e da produção inesgotável de bens materiais, bem como à apropriação individual daquilo que se enquadra na ordem do comum, seja na esfera pública ou privada. Esse somatório cria paradigmas dos bens comuns, tanto do ecológico quanto do sociopolítico e fazem de nosso tempo um período imprescindível de revisão do comportamento sobre como tratar do atual e seus devires.

Na possibilidade de ruptura com o capitalismo e os novos lugares que redefinem a perspectiva revolucionária, a ecologia se coloca como um antagonismo intrínseco pela irreversibilidade da exploração ambiental. Extinção da fauna e flora, esgotamento de combustíveis fósseis, aglomeração de lixo tóxico, e emissão de gases poluentes trazem, ao nosso tempo, um compromisso inescapável sobre como tratar a ecologia. Zizek investiga, nas brechas da reprodutibilidade complexa do capitalismo, sua possível não sustentação. Essas brechas são geradas pelo próprio capitalismo em sua “base substancial que medeia e gera os excessos (favelas, ameaças ecológicas etc.) que criam locais de resistências” (Zizek, 2011, p. 415-416). No entanto, apesar dos problemas ambientais reiterados, Zizek examina a maneira pela qual a causa sustentável e ecológica em voga tornou-se, hoje, uma forma de suprimir a existência da nocividade do capital e seus efeitos colaterais. A questão ecológica também é antagonica pelas práticas internacionalmente difundidas que tendem a neutralizar as nocividades ao meio ambiente, o ideal de desenvolvimento sustentável e as atitudes consideradas “verdes”. Ao contrário, afirma, o discurso de sustentabilidade permite que empresas poluidoras, legitimadas pela economia, transfiram sua culpa não só aos consumidores,

mas a todos. O filósofo ainda especula – parafraseando a famosa colocação de Karl Marx sobre a religião – que a *ecologia* é candidata a ser um novo ópio do povo (Zizek, 2011), no sentido de remediar as massas pelos danos ambientais, negligenciando, assim, os efeitos pouco modestos do sistema em outros âmbitos globais.

Sabemos que falar de *apartheid* é tratar do conflito entre os indivíduos, as instituições, as leis e as organizações econômicas que oprimem aqueles que estão à margem da sociedade. Uma forma de segregação, latente ou disfarçada, na qual se excluem certos indivíduos e se proíbe o acesso irrestrito à cidadania e aos direitos fundamentais do homem, em suma, ao convívio social digno em todas as instâncias. A relação incluídos *versus* excluídos emerge nos interesses de cada classe. Exemplos de novas formas de *apartheid* podem ser visualizadas no aumento das favelas ao redor do mundo, no ódio entre países e etnias, no fortalecimento do racismo como problema de tolerância² e na ascensão de partidos anti-imigrantes na Europa. Além disso, “novos muros surgem por toda parte: entre Israel e Cisjordânia, em torno da União Europeia, na fronteira entre Estados Unidos e México e até no interior de Estados-nações” (Zizek, 2009, p. 17-18). É na relação excluídos *versus* incluídos que se expõe o viés subversivo dos outros antagonismos, onde a ecologia se transforma em problema de desenvolvimento sustentável, a propriedade intelectual, em desafio jurídico complexo, e a biogenética, em questão ética (Zizek, 2011). Sem a relação oprimidos e opressores, podemos persistir na ideia opressora de que se deve lutar pelo meio ambiente culpando os excluídos poluidores, eliminando os agricultores pobres e disciplinando os países de Terceiro Mundo, e também continuar excluindo aqueles que precisam ter acesso ao conhecimento de forma gratuita, em prol da propriedade privada do conhecimento. Não se pode negar que a globalização entrelaçou com força essas questões. Um generoso alargamento das formas de olhar e agir contra a essência do problema requer, conforme Santos (2002, p. 20), “um conhecimento tão global como a globalização”.

Na esteira dessa discussão, se pensamos a reportagem como um espaço privilegiado de

² Para Zizek (2011), tratar problemas de segregação pelas vias da tolerância é esconder as reais soluções para o *apartheid*, pois, segundo o filósofo, ao tratar a exclusão como problema de tolerância, retira-se da questão a culpa da política, da justiça e da economia, o que, na verdade, são os eixos que realmente causam o problema.

enunciação sobre os acontecimentos do mundo, podemos deslocar a problematização acerca dos espaços complexos que medeiam nossa organização político-social para a atividade jornalista e sua narrativa, refletindo sobre o lugar dessa atividade midiática no presente.

Agência Pública de jornalismo investigativo

A amplitude dos recursos informacionais trazidos pela digitalização possibilitou novos lugares para o jornalismo. Maior flexibilização de conteúdo, e espaço para a convergência de formatos e linguagens são outros traços importantes do conteúdo jornalístico na rede: o aumento do limite textual nas notícias, a interatividade entre criadores e receptores e novos modos de produção e manutenção de espaços jornalísticos. Desse modo, a *web* e as interfaces digitais trazem mudanças significativas na maneira de ser e fazer do jornalismo e dos jornalistas.

Nesse contexto, surgem iniciativas como a *Agência Pública* (<http://apublica.org>), criada em 2011 pelas jornalistas Marina Amaral e Natalia Viana. Trata-se de um projeto independente, financiado por fundações internacionais como *Ford Foundation* e *Open Society Foundations*, sem qualquer vinculação comercial e interferência dos financiadores no conteúdo produzido. Algumas de suas produções e de seus projetos são financiadas através do *Catarse*, (<http://catarse.me>) um *site* de financiamento coletivo que agrega valores monetários através de doações *on-line* feitas por qualquer pessoa e instituição. A *Pública* disponibiliza todo seu material jornalístico pela licença *Creative Commons*, por meio da qual permite a reprodução ilimitada do seu material, citada a autoria. Qualquer pessoa, instituição ou organização, jornalística ou não, pode replicar materiais da *Pública*. Nos moldes de uma agência de notícias, o *site* financia bolsas e microbolsas para elaboração de reportagens investigativas por jornalistas residentes no Brasil. Vale lembrar, ainda, que a *Pública* opera em uma lógica com a qual permite ao leitor acessar todas as bases documentais utilizadas nas reportagens. Assim,

[...] a veiculação dessas bases constrói um caráter de transparência da agência, sendo que o leitor pode ter acesso aos documentos utilizados

na construção da reportagem. Além disso, pode revisitá-los e ressignificá-los, cruzando as informações com outros contextos (Schwaab et al., 2013, p. 3).

Entre os assuntos investigados pelo *site*, priorizam-se relatos que tratam de desequilíbrios sociais, ou até mesmo de lugares onde esse desequilíbrio e a ausência de direitos humanos são permanentes e constantes. Na descrição que a *Pública* faz de si, há muito desses aspectos: “Nossa missão é produzir reportagens de fôlego pautadas pelo interesse público, sobre as grandes questões do país do ponto de vista da população – visando ao fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção dos direitos humanos”.³

Um dos focos da *Pública*, em se tratando de conteúdo, são as tensões ocorridas no norte do Brasil, mais especificamente na Floresta Amazônica e em todo território que a envolve. Os conflitos socioambientais dessa região estão contidos, mais abundantemente, na categoria de reportagens *#AmazôniaPública*, principal base empírica do gesto de leitura empreendido no presente texto, mas também nas séries investigativas *#GuaraniKaioiwá*, *#CréditosDeCarbono*, *#Futuro da Amazônia*, *#JornalismoDeDados*, *#BNDESnaAmazônia*, *#ViolênciaNaAmazônia*.

Levando em conta que o real produto do jornalismo nos chega através de narrativa (Carvalho, 2012) e entendendo que sua abrangência nos permite investigar características, modos e estratégias do texto jornalístico propriamente dito, a perspectiva que norteou o estudo do qual recortamos o presente texto foi de que forma as narrativas da *Agência Pública elucidam os impasses socioambientais brasileiros*. Diante de um horizonte onde há “outros espaços” para o jornalismo e, concomitantemente, uma possível “outra escrita”, nosso objeto empírico se insere em um lugar diferenciado de fala, em especial por se configurar em um espaço narrativo digital criado pela iniciativa de jornalistas, mantido por organizações independentes, com uma satisfatória autonomia econômica e editorial.

O dispositivo metodológico construído para o estudo abarcou as potencialidades em torno da narrativa ao refletir sobre as reportagens. Levamos em conta que a narrativa, ao criar sentido e tornar as coisas inteligíveis, não se

³ Disponível em: <http://apublica.org/quem-somos>. Acesso em: 13/04/2014.

desvincula de seu lugar de materialização. Esse caminho permitiu ler algumas contradições do contemporâneo que, em um primeiro olhar, parecem particulares de um país. Por um exercício de desconstrução, todavia, elas reverberam elementos que são de ordem global.

Sobre a narrativa

Narrar não é apenas relatar acontecimentos experimentados. Muito além disso, narrar é “estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outros” (Leal, 2013, p. 3). É o meio que encontramos para tornar a vida vivível (Resende, 2011), no qual as atualizações do tempo são organizadas. Nas trilhas de Genette (1995), a narrativa é o lugar onde se instalam modos, sujeitos e os contextos. Narrativizar, então, é dar a conhecer um mundo caracterizado por suas ambivalências e marcas do tempo que ultrapassa a memória do homem, intercalando experiências entre sujeitos (Benjamin, 1994) e, sobretudo, atribuir sentidos e valores a essas vivências, tendo na imaginação sua fonte criadora. Conforme Carvalho (2012, p. 183), a partir de Paul Ricoeur, narrar “é tornar humano o tempo, assim como a forma por excelência de guardá-lo, de preservá-lo”.

Ainda nas palavras de Ricoeur (1994, p. 9), a narrativa “é uma obra de síntese: pela virtude da intriga, objetivos, causas, acasos, são reunidos sob a unidade temporal de uma ação completa e total”. Essa postura nos oferece uma realidade marcada por suas contradições, que são capazes “de nos fazer ver, a partir da singularidade, as conexões mais amplas com o particular e com o universal” (Carvalho, 2012, p. 181). Um traço primordial na narrativa é a intriga. Ao contar uma história, são elencados elementos que seguem uma lógica na qual colocamos em ordem os eventos, os lugares e os sujeitos no mundo (Leal, 2013). Em uma narrativa, são selecionados fatores iniciais – como dia, hora, lugar – e acrescentamos a eles sujeitos e características do mundo que predominaram nessa experiência anterior, atribuindo valores, sentimentos, profundidade e sensibilidades, mais para algumas coisas, menos para outras. São estabelecidos, também, equilíbrios e desequilíbrios para chegarmos a um final escolhido. Nessa série de fatores que influenciam a maneira de como narrar uma história, a intriga, o tempo, a heterogeneidade, a unidade, a ação e o tempo subjazem a todos eles. Tais elementos perpassam e dão coerência a

todos os outros modos de narrar (Leal, 2013). Assim, a intriga sofre influências das intercalações complexas que precedem o ato narrativo que ocorrem no desenrolar da história, não havendo um fim em si mesmo.

Levando em consideração as avaliações acerca da narrativa, o procedimento adotado para a construção do método neste estudo se deu através da disposição de cinco perguntas sobre as reportagens, desdobradas depois em movimentos de análise. A primeira indagação foi pensar que intriga perpassa cada reportagem, a saber, em que situação, lugar, e cenário a trama aparece e qual antagonismo a reportagem suscita. Com isso, criamos o movimento (i) *análise do contexto*. A segunda pergunta buscou responder de que forma as informações das reportagens aparecem nas reportagens e como as matérias são organizadas. Portanto, desenvolvemos o movimento (ii) *disposição dos elementos no texto*. Procurando entender como os sujeitos são narrativizados pelo jornalista, criamos o critério (iii) *análise dos personagens*, buscando compreender modos de aparecimento de cada sujeito, sua valorização moral na versão relatada e o espaço de voz dentro do texto. Também questionamos a maneira pela qual o narrador, por sua vez, conduziu as reportagens. Assim, construímos o movimento (iv) *análise do narrador*, procurando suas intenções e marcas contidas na narrativa. De forma mais ampla que as demais perguntas, tratamos de investigar quais temas em comum permeiam todas as reportagens. A partir disso, questionamos o que desse tema tratado no interior das matérias pode ser trazido para o exterior do jornalismo, isto é, averiguamos o que se pode dizer do contemporâneo a partir da intriga relatada pela *Pública*, mas entendendo que texto e contexto são indissociáveis. Dessa forma, elaboramos o movimento (v) *recomposição da intriga*. Nessa etapa, exclusivamente interpretativa e dissertativa, fixamos-nos na contribuição de Zizek sobre o mundo pós-moderno (os antagonismos do tempo presente) a fim de sondar a visão do filósofo em paralelo ao lido na intriga das reportagens. A escolha das reportagens da série #Marcadas para Morrer se deu pela sua singularidade. O conjunto de 11 textos trata de sujeitos e suas histórias de vida, sem perder o tom jornalístico e denunciativo. As 11 reportagens cotejadas foram escritas pelo repórter Ismael Machado e relacionam histórias de mulheres ameaçadas de morte por questões agrárias, ambientais e sociais, todas elas publicadas no ano de 2013. São mulheres

do Estado do Pará, Norte do Brasil, que lutam por sua comunidade, pela reforma agrária e pelas terras de sua família. Como consequência disso, convivem com a falta de sossego ocasionado por conflitos constantes com latifundiários e estão à mercê da negligência jurídica e política do Governo do Estado e da União. Assim, mapeamos textos em que novos *apartheids* são, essencialmente, lugares dimensionais que conduzem a um conjunto possível de emergências e conflitos do tempo atual.

Nas 11 reportagens da *Agência*, analisamos seu conteúdo, tendo como premissa que suas narrativas centralizam experiências do cotidiano das fontes e se apresentam como sendo aquelas mais sensíveis e *humanas*, trazendo histórias pessoais de sujeitos subjacentes ao tom denunciativo do evento perpassados por elas. O recorte é constituído pelas reportagens: (a) *Essa é Maria Raimunda, líder do MST no Pará, ameaçada de morte* (Machado, 2013a); (b) *Presa e ameaçada de morte, testemunha ainda teme pela vida* (Machado, 2013b); (c) *“Tu sabes que se a gente perder a terra, tu vais perder a vida”* (Machado, 2013c); (d) *Graciete carrega na carne a bala dos assassinos de seu pai* (Machado, 2013d); (e) *Nicinha e o sindicato rural dirigido apenas por mulheres* (Machado, 2013e); (f) *Cleude, com medo, tenta pegar na mão de Deus* (Machado 2013f); (g) *Ameaçada desde 1996, Regina sonha viver em paz* (Machado, 2013g); (h) *Maria do Carmo luta por sua comunidade e pela floresta* (Machado, 2013h); (i) *Maria Joel da Costa herdou a luta e as ameaças de morte* (Machado, 2013i); (j) *Láisa luta pela terra e pela memória da irmã* (Machado, 2013j) e (k) *Elas, marcadas para morrer* (Machado, 2013k).

Para fins investigativos, reatualizamos as 11 reportagens em cinco quadros de análise: um que engloba todo o material, a fim de perceber as relações entre elas, sobre o que dizem e por qual viés; e outros quatro, que tensionam cada reportagem isoladamente recortando trechos, organizações, dizeres do texto e interpretações nossas perante o fragmento estudado. Como o presente texto ilustra um estudo maior, conforme mencionado, escolhemos exemplificar três dos cinco movimentos de leitura.

O contexto das reportagens

A intriga tem papel fundamental no funcionamento de qualquer narrativa. Diferentemente da trama, a intriga não aparece cristalizada e imóvel dentro da narrativa. Ela é permutável conforme os efeitos relacionais entre emissor e receptor. Por conta disso, o

quadro a seguir, cujo objetivo é reconstruir a intriga que perpassa o conteúdo analisado, abre caminho para a interpretação acerca dos caminhos possíveis da narrativa para os antagonismos que Zizek nos apresenta ao problematizar o contemporâneo. Assim, destinamos uma categoria, dentre as sete construídas, para verificar quais antagonismos são tratados em cada reportagem de nosso recorte metodológico. As demais tratam de recompor a intriga. Quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua. A análise deve, portanto, compreender as estratégias e as intenções textuais do narrador, por um lado, e o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado (Motta, 2007).

O movimento sugere que, das reportagens analisadas, todas tratam exclusivamente das histórias de mulheres brasileiras residentes no Estado do Pará. Elas estão atreladas, em algum grau, com questões ambientais e agrárias do estado e arredores da Floresta Amazônica. Também foi constatado, em todas elas, o relato das frequentes ameaças de morte sofrida por essas mulheres que possuem pouca (ou nenhuma) terra. São ameaças feitas por fazendeiros e latifundiários, resultado de insatisfações com as lutas dos movimentos ligados a ocupações de terra, assentamentos agrários, movimentos sociais da terra e sindicatos rurais. A luta dessas mulheres pela sobrevivência não traz somente interesses individuais em torno da distribuição agrária. Muito diferente disso, vemos que é comum suas lutas estarem relacionadas às famílias de outras pessoas, bem como a trabalhadores que compartilham dos problemas agrários brasileiros. Na reportagem *Maria do Carmo luta por sua comunidade e pela floresta*, por exemplo, a personagem luta contra qualquer dano causado à floresta e, fazendo isso, briga pela integridade de sua comunidade. Isso transparece o deslocamento do problema em tela para interesses que excedem aos tratados individualmente pelas reportagens. Reivindicar e combater pelo meio ambiente traduz um movimento que quer ultrapassar a lógica da propriedade privada e seu uso sem qualquer respeito ao interesse comum e do entorno. Quando a personagem Maria do Carmo decide proteger a floresta, ela não reivindica um espaço particular seu, mas sim um lugar de conservação que é de todos.

O Quadro 1 nos mostrou que, apesar de as reportagens tratarem de assuntos distintos, muitas delas se entrecruzam em alguns pontos. É o caso das reportagens *Presa e ameaçada*

Quadro 1. Análise do contexto das reportagens.
Chart 1. Analysis of the context of the stories.

Reportagens Analisadas	Análise de Contexto das Reportagens						
	Trama Relacionada	Cenários	Sujeitos/Vozes	Conflitos	Partes envolvidas	Entidades Envolvidas	Antagonismos
29.07.13 Essa é Maria Raimunda, líder do MST no Pará, ameaçada de morte	Líder do MST sofre ameaça de morte por latifundiário	Marabá, sudoeste do Pará Assentamento do MST	Maria Raimunda	Ocupações de terras e assentamentos do MST (Pará) X Latifundiários e pistoleiros	Ativistas, policiais, fazendeiros	MST, Polícia Militar do Pará, Governo do Pará	Apartheid, Propriedade Privada
29.07.13 Presa e ameaçada de morte, testemunha ainda teme pela vida	Agricultora ameaçada de morte por testemunho em julgamento	Santana do Araguaia, Fazenda Nobel	Késsia Furtado ; Nádia Pinho, a principal líder dos acampados	Ocupações e acampamentos em terras x Fazendeiros; Depoimento judicial	Moradores , pistoleiros, fazendeiros, Sindicato dos trabalhadores rurais	Ouvedoria Agrária; Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santana do Araguaia	Apartheid, Propriedade Privada
29.07.13 “Tu sabes que se a gente perder a terra, tu vais perder a vida”	Líder rural convive com ameaças constantes de morte	Santana do araguaia, Fazenda Ouro Verde, olônia Verde-Bandeira	Nádia Pinho Silva, Líder rural;	Posseiros, liderança rural x fazendeiros, pistoleiros	líder rural, posseiros, pistoleiros, fazendeiros, ouvidor, polícia	PM de Belém; Ass. dos Trabalhadores Sem Terra Brasil Novo, Comissão Pastoral da Terra; Sindicato dos Trab. Rurais de Santana do Araguaia; Inkra	Apartheid, Ecologia, Propriedade Privada
22.07.13 Graciete carrega na carne a bala dos assassinos de seu pai	Filha de líder social, sofre com bala alojada no corpo que teria como destino o pai.	Breu Branco – Pará	Graciete Machado	Fazendeiros X ocupações agrárias no Pará	Posseiros, ativista, fazendeiros	Inkra	Apartheid, Propriedade Privada
22.07.13 Nicinha e o sindicato rural dirigido apenas por mulheres	Líder de Sindicato Rural e ameaças sofridas ao longo do mandato.	Rondon do Pará	Zuldemir dos Santos de Jesus, a ‘Nicinha’,	Sindicalistas Rurais X Fazendeiros	Lideranças Sindicistas Rurais, fazendeiros, pistoleiros	Programa Nacional de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos; Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Rondon do Pará,	Propriedade Privada
22.07.13 Cleude, com medo, tenta pegar na mão de Deus	Líder de ocupação, Cleude sofre ameaça de morte	municípios ao sudeste do Pará. Fazendas da União; Bandeirantes e Potiguar	Cleude Conceição; Maria da Ajuda	70 famílias de ocupações agrárias X Fazendeiros	Lideranças Rurais X Fazendeiros	Inkra, Justiça Federal de Marabá, MST	Apartheid, Ecologia, Propriedade Privada
15.07.13 Ameaçada desde 1996, Regina sonha viver em paz	Ameaçada de Morte, Líder Sindical convive com o perigo	Eldorado dos Carajás	Maria Regina Gonçalves	Famílias x Fazendeiros que apropriam terra da reforma agrária	Famílias, Sindicato Rural X Fazendeiros, Latifundiários	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Eldorado dos Carajás, Inkra	Ecologia, Propriedade Privada
15.07.13 Maria do Carmo luta por sua comunidade e pela floresta	Ameaçada de morte, Du Carmo trabalha para sobrevivência de sua comunidade com a preservação da floresta amazônica	Comunidade Lago Verde, conhecida como Transcarnetá, em Baíaõ.	Maria do Carmo Pinheiro Chaves, a “Du Carmo”	Preservação da floresta Amazônica X Destruição da floresta e Tráfico de Drogas	Caçadores, Traficantes X Comunidades da floresta	Ministro da Pesca, Associação dos Pequenos Produtores e Agricultura Familiar de Lago Verde	Ecologia, Propriedade Privada
Laísa luta pela terra e pela memória da irmã 08.07.13	Após absolvição de mandante da morte da irmã, Laísa sofre ameaças	Marabá, cidade no sudeste do Pará	Laísa Santos Sampaio	Assentamentos familiares x Fazendeiros	Famílias rurais, madeiras, carvoeiros, proprietários de terra	Grupo de Trabalhadores Extrativistas; Universidade de São Paulo; Ibama	Apartheid, Ecologia, Propriedade Privada
08.07.13 Maria Joel da Costa herdou a luta e as ameaças de morte	Após morte do marido, Joelma coordena sindicato dos trabalhadores e corre risco de vida	Rondon do Pará,	Maria Joel Dias da Costa, conhecida pelos amigos como Joelma	Famílias sem terra X Donos de Terra	Ativistas, posseiros, pistoleiros, trabalho escravo, sindicalistas	Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetagri) em Marabá, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rondon do Pará, Comissão Pastoral da Terra ,Programa de Defensores de Direitos Humanos, Organização dos Estados Americanos (OEA), Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, ONG Justiça Global	Ecologia, Propriedade Privada

de morte, testemunha ainda teme pela vida e Tu sabes que se a gente perder a terra, tu vais perder a vida, que tratam do mesmo caso, na mesma região, envolvendo as mesmas pessoas, entre-

tanto, sob pontos de vistas e angulações diferentes. No que diz respeito ao uso das vozes, o Quadro 1 revela que todas as reportagens trazem em seu centro os relatos das mulheres

ameaçadas de morte. Não houve lugar para o outro lado em conflito, ou seja, fazendeiros e latifundiários. A postura assumida pelo narrador foi considerar exclusivamente as histórias das mulheres e mostrar um contraponto pela voz delas. Essa constatação dialoga bastante com a intenção das matérias descrita pelo seu autor na reportagem que abre a sequência de 11 textos, *Elas, marcadas para morrer*:

Nos assentamentos, nos acampamentos, nas periferias dos municípios, nas entidades sindicais, uma dezena de mulheres segue sua vida, à espera do assassino, cumprindo pena forçada. É a história delas que a Pública, em parceria com o jornal Diário do Pará, conta a partir dessa semana [de 08/07/2013] (Machado, 2013k, acréscimo nosso).

Em relação aos problemas da propriedade privada, a relação posse de terra *versus* sem terra perpassa a trama reportada. Tratar de sem-terras e latifundiários é abordar especialmente as questões de propriedade, isto é, poucos com muito e muitos com tão pouco. Já em relação ao ecológico, de acordo com Zizek, esse antagonismo contemporâneo suscita pensar nos danos irreversíveis causados pela destruição da fauna e da flora mundial. Fazendo uma ponte com o conteúdo analisado, seis reportagens tratam de cenários na região da Floresta Amazônica. A relação ecológica faz-se mais presente na reportagem *Maria do Carmo luta por sua comunidade e pela floresta*, onde o conflito subjacente ao relatado é a relação destruidores *versus* defensores da natureza. O antagonismo do *apartheid*, entre todos, é o mais visível no conjunto de textos. Com o exame das reportagens, podemos enfatizar que a dualidade *excluídos versus incluídos* é condição latente nas matérias. O contexto ao qual faz referência o repórter é permeado por ameaças de morte e violência e que traduz uma briga onde sobressaem os interesses dos *donos* de grandes fazendas contra os que lutam por um pedaço de terra e, sobretudo, pela vida. Zizek (2011) nos lembra da importância deste antagonismo, pois, segundo o filósofo, ele subjaz a todos os outros. Nessa ótica, o mesmo ocorre nas reportagens acima. Os conflitos ecológicos e da propriedade privada também atualizam um histórico de conflitos que segregam os sem-terras dos proprietários no Brasil. As frequen-

tes ameaças e os assassinatos dos excluídos traduzem o ódio dos privilegiados pela terra que, como última alternativa para manter seus interesses, escolhem eliminar os mais fracos. Também é válido ressaltar o teor dos direitos humanos nas matérias, bem como a ausência de interesse do Estado e da Justiça nas relações conflitantes no norte do país.

O narrador e suas marcas textuais⁴

É tarefa do narrador organizar e dispor as informações na narrativa. No jornalismo, o repórter assume essa função ao elencar os elementos colhidos em sua pesquisa. É fase fundamental na análise da narrativa, portanto, observar a figura do “gestor da história”, buscando alcançar o modo pelo qual se deu a construção do relato e tateando as instruções que marcam sua ausência ou presença no texto investigado. Na lógica de descobrir os modos de dizer, procuramos encontrar recursos como o retardamento do desfecho, o ritmo da narração, as explicações causais, os comentários explícitos, o uso do tom poético que vão indicar como ele pretende ser compreendido pelo receptor, como propõe Motta (2007). Além de “tentar enxergar o texto pelos olhos de seu autor”, essa postura de análise nos permitiu identificar especificidades na narrativa da *Pública*, viabilizando apontar aspectos do texto jornalístico que rompem com o texto das lógicas, isto é, com o padrão estilístico do campo. Esses requisitos foram fundamentais para criarmos subsídios que vão ao encontro do problema-chave do estudo. Subdividimos a análise do narrador em duas etapas. A primeira refere-se às marcas de ausência e impessoalidade,⁵ na qual estão reunidos os trechos nos quais o narrador se afasta da história contada, ou seja, momentos onde ele observa o desenrolar da trama. A segunda,⁶ ao contrário, agrupa momentos nos quais o narrador se posiciona na história e assume sua parcialidade no desenrolar da intriga.

No que diz respeito às marcas de ausência, das dez reportagens analisadas, nove apresentam dados (expressões verdade) que são exteriores à história de vida das mulheres (Quadro 2). São, em maioria, informações sobre a distância entre a cidade relatada até a capital do estado, bem como números de trabalhadores assassi-

⁴ No estudo original, este é o quarto movimento.

⁵ Dentro dessa etapa, categorizamos os elementos *expressões verdades* (dados, datas e fontes) e *expressões de distanciamento*.

⁶ Aqui, dividimos as marcas de presença nas categorias *efeitos de objetividade*; *efeitos poéticos* (emoção, sentimento, desejo); *uso de metáforas e ironias*; *evidências do narrador* (adjetivações).

Quadro 2. Análise do narrador.
Chart 2. Analysis of the narrator.

Reportagens Analisadas	Análise do Narrador (Trechos recortados das Reportagens)					
	Marcas de Ausência e Impessoalidade		Marcas de Presença			
	Expressões verdadeiras (dados, data, fontes)	Expressões de distanciamento	Efeitos de objetividade	Efeitos poéticos (emoção, sentimento, desejos)	Uso de metáforas/ironias	Evidências do narrador (adjetivações) e seu contato com personagens
29.07.13 Essa é Maria Raimunda, líder do MST no Pará, ameaçada de morte	de Marabá, a 685 quilômetros de Belém	diz Maria Raimunda.	Todos os processos de ocupação de terra, (...) confrontos com a polícia, fazendeiros ou mesmo com a Justiça, têm o nome dela à frente	Tornou-se forte (Maria Raimunda), acostumada à tensão e à resistência		já foi ameaçada de morte e teve a prisão decretada em algumas ocasiões e sabe que é uma pedra no sapato deles. Afinal, ela é a diretora nacional do MST no Pará.
29.07.13 Presa e ameaçada de morte, testemunha ainda teme pela vida		conta Késia; diz ela; diz ; conta	De testemunha a réu. Essa é a situação atual de Késia (...); Késia foi presa e, na cadeia, ameaçada de morte. (...)	A 'vaqueira' de fala ligeira e pele negra (...) Késia ergueu um barraco, cultivou 'uma rocinha' e acreditou (...)	Seu crime: defender Nádia Pinho; (...) sob as bênçãos da Ouvidoria Agrária (...)	Foi assim que o terror entrou na vida de Késia;
29.07.13 "Tu sabes que se a gente perder a terra, tu vais perder a vida"	distante 1.255 km de Belém; ocupado por 27 famílias.	conta Nádia; diz Nádia; lembra Nádia. Segundo Nádia, Orientada pela CPT Nádia se entregou e permaneceu encarcerada por 12 dias;		dorme pouco, atenta aos menores ruídos da rua; Se alguém bate à porta, checa direitinho quem é, antes de atender	Para quem havia crescido sonhando com um pedaço de terra, a proposta souo como música; Nádia nunca havia posto os pés na capital federal.	Com três filhos, viúva, Nádia tenta não envolver a família nos conflitos
22.07.13 Graciete carrega na carne a bala dos assassinos de seu pai	Breu Branco, a 419 km da capital Belém, no sudeste paraense; evantamento feito pelo IBGE em 2010	diz Graciete Machado.	tinha como o alvo o pai, Francisco Alves de Macedo, assassinado cinco meses depois por pistolheiros que continuam em liberdade	Quase não vai mais à igreja, e às 18 horas fecha toda a casa; a imagem da bala em uma radiografia é uma lembrança constante;		sentada no sofá simples da casa sem reboco, sob o olhar atento do marido; (...) sente dores constantes nas pernas, não pode fazer nenhuma atividade
22.07.13 Nicinha e o sindicato rural dirigido apenas por mulheres	No dia 23 de outubro de 2011 Nicinha recebeu uma ligação de Brasília; O sindicato atende em torno de 2.500 famílias assentadas, que se sustentam da venda do que produzem.	Segundo ela, diz, lembra	Agora, Zuleimir está desamparada de proteção policial desde abril de 2012.	Vive assombrada, não sem motivos.	Já viu duas lideranças do sindicato serem assassinadas. Não quer ser mais uma a engrossar a lista.	Vive assombrada, não sem motivos. a 'Nicinha', guarda com cuidado uma pasta já antiga "Só não me avisaram que seria apenas por três meses". E, fato curiosamente trágico, devido aos assassinatos, os homens não quiseram assumir nenhum cargo diretivo no sindicato.
22.07.13 Cleude, com medo, tenta pegar na mão de Deus	coordena um grupo de 70 famílias que ocupavam duas fazendas em Itupiranga	diz, resume Cleude Conceição	Não é fácil encontrar Cleude Conceição; Cleude Conceição já escapou de tiros, já viu companheiros tombarem	(...) trazendo duas pequenas piranhas e um surubim, resultado da pescaria. Aos 30 anos, é uma mulher magra, pequena, negra, de natureza desconfiada.		Quando a reportagem chega ao pequeno vilarejo, quase quatro horas depois de ter saído de Marabá; (...) É um litígio que já dura nove anos.
15.07.13 Ameaçada desde 1996, Regina sonha viver em paz	Em dezembro de 2011; Entre 1982 e 1996 mais de 50 trabalhadores rurais foram assassinados	diz ela; contabiliza Regina.	Vive sob ameaças constantes e atualmente não anda sem a proteção de pelo menos dois outros dirigentes sindicais,	Quando a fome roncou mais alto, a família dela se mudou; Não quer ouvir falar em ocupações de terra. Sente medo.		Maria Regina, no quintal da sede sindical, sob o olhar atento dos dois seguranças; conta, confessando o cansaço
15.07.13 Maria do Carmo luta por sua comunidade e pela floresta	fincada no km 55 da rodovia BR 422,	(...) diz Maria do Carmo; O problema, segundo ela, (...) conta Maria do Carmo.	Assumiu a coordenação de uma comunidade agroextrativista em plena mata e, por bater de frente contra caçadores ilegais e traficantes de drogas, passou a ser ameaçada de morte.	(...) enquanto prepara um café na cozinha da casa de chão batido. São pessoas humildes, que moram em casas de barro ou madeira, cobertas de palha, com piso de chão		Ao longo das últimas décadas a floresta amazônica tem criado centenas de heróis anônimos. Maria do Carmo Pinheiro Chaves, a "Du Carmo" é uma delas; É uma estrada poeirenta, maltratada e cheia de buracos
Laísa luta pela terra e pela memória da irmã 08.07.13	Tem sido assim desde a manhã de terça-feira, 24 de maio de 2011. Nascimento recebeu pena de 45 anos em regime fechado. Rocha, 42 anos e oito meses.		Dois anos depois, o crime foi a julgamento. Apenas o autor dos disparos, Alberto Lopes do Nascimento e o ajudante (...)	Laísa recebeu o resultado do julgamento quase como uma sentença de morte	Selando o terceiro caixão; A história e as histórias de migração no Pará (...)	É num labirinto de 'folhas', quadras e lotes em Nova Marabá. (...) No momento da entrevista, Zé Rondon liga; no curto diálogo Laísa diz estar bem, falando com jornalistas.
08.07.13 Maria Joel da Costa herdou a luta e as ameaças de morte	(...) distante 532 km da capital Belém (...); (...) Rondon do Pará em 21 de novembro de 2000 (...) 29 anos de reclusão em regime fechado; (...) a progressão de regime prisional para o semi-aberto (...).	conhecida pelos amigos como Joelma	(...) Começou a lutar pela regularização das terras consideradas improdutivas visando a reforma agrária	Em casa, Maria Joel chorava e orava. Maria Joel passa uma pequena toalha rosa no rosto antes de iniciar o relato da morte do marido. Fica em silêncio alguns segundos.	Maria Joel não abre mão de acompanhar todos eles; tem sido assim desde que uma bala atravessou o seu caminho	A camisa relativamente folgada deixa transparecer a pistola. É uma mulher pequena, de voz mansa e calma. Os cabelos são partidos ao meio e presos atrás, típico de mulheres evangélicas. Na parede da sala que emenda com a cozinha há foto de Dezinho e outra, com a família toda reunida.

nados na região, senso demográfico, e número de famílias assentadas. Podemos dizer que essa postura do rigor das informações deixa transparecer uma preocupação pela veracidade e

pela exatidão dos fatos por parte do repórter, o que recai na aderência à conduta do jornalismo em elencar dados que ajudam na precisão do uso das informações. Além disso, o narrador

recorre ao uso de expressões para atribuir falas aos entrevistados, tais como “segundo ela”, “alertou um aluno” ou verbos *dicendi* (“disse”, “diz”, “conta”) antes ou depois dos depoimentos das fontes, com predomínio de um respeito ao dito pelo personagem, sem grandes modificações por parte do repórter. Nesse aspecto, as reportagens de *#MarcadasparaMorrer* se encaixam em normas essenciais do jornalismo.

Quando olhamos para as marcas de presença, entretanto, as frases mais objetivas das reportagens apresentam essencialmente as condições em que se encontram as personagens oprimidas. Junto a essas condições, estão impressões e observações próprias da experiência do narrador ao encontrar com o sujeito de sua reportagem. Assim, há lugar para inferências subjetivas do autor com o entrevistado. Além dessa clara marca de personalidade no texto, o narrador não economiza nas adjetivações sobre aqueles que perpassam a trama.

Nesse mesmo caminho de certa transgressão ao estilo padrão do jornalismo, fazendo uso de efeitos poéticos, o jornalista frisa a vida difícil enfrentada por essas mulheres, lançando mão de recursos que trazem sentidos de comoção e dor ao expor uma história de vida frágil somada a uma condição social de opressão frequente. Nelas, destacam-se descrições psicológicas, físicas e sociais dos personagens e, posteriormente, o lugar no qual eles se encontram. Outra característica que rompe com o texto das lógicas do jornalismo refere-se à ironia e à metáfora. Cinco das dez reportagens fazem uso de metáforas e ironias, como é o caso da reportagem: *Presa e ameaçada de morte, testemunha ainda teme pela vida*. Em trecho sobre a punição da protagonista da história, o autor enfatiza num tom irônico, *Seu crime: defender Nádia Pinho* (Machado, 2013b), em clara defesa do narrador pela vítima da história. Sendo assim, o narrador dessas reportagens utiliza alguns dos critérios basilares do texto jornalístico padrão, mas rompe em outros elementos ao enfatizar um posicionamento de autor, desviando a lógica da imparcialidade, afastando uma perspectiva impessoal ao narrar.

A recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico⁷

Nesta etapa, de forma mais geral, procuramos agrupar as reportagens em categorias, de

acordo com características em comum, observando como as estratégias de constituição das matérias partilham significações em contexto. De acordo com Motta, “sem uma história completa a análise da narrativa é impossível” (Motta, 2007, p. 4). Desse modo, para completar o gesto de análise, procuramos perceber como as narrativas se articulam dentro de um grande tema e suas derivações. Nele, procuramos mapear temas e assuntos que extrapolam as onze reportagens num processo de reconfiguração, percebendo que não se trata de matérias isoladas, tanto em sua narrativa quanto em sua materialização, inclusive por convergirem dentro da plataforma e do *site* da *Pública* em um mesmo assunto, demarcado por *hashtag* (#) ou palavra-chave específica. A ideia que conduz a leitura do Quadro 3 é a possibilidade da intriga na narrativa jornalística elucidar situações tácitas, excedentes ao texto, isto é, auxiliar a interpretar mais adequadamente a realidade a partir do que nos chega sob forma de reportagem jornalística.

O primeiro movimento de leitura, *análise do contexto*, contribuiu nos apontamentos aqui desenvolvidos pois tratou de mostrar os enredos específicos de cada reportagem, além de sublinhar qual antagonismo do tempo atual se mostra presente nas narrativas. Sobre o contexto, notamos que o grande tema comum nas reportagens são as relações socioambientais no Brasil. No subtema, esse tópico se estreita, destacando a preservação da floresta e a luta pelos direitos civis (direito à moradia, por exemplo) como questões presentes nas reportagens. Tais subtemas se desdobram na intriga ao colocar em tensão dois lados com interesses divergentes na história: de um lado, as mulheres que lutam por moradia e pela floresta; de outro, os fazendeiros, donos da terra, que não querem abrir mão de sua propriedade. Diante desse conflito, considerando os papéis narrativos desempenhados pelos protagonistas na história e pelo posicionamento do autor na narrativa, as injustas ameaças de morte sofridas pelas mulheres que reivindicam a preservação da floresta e o direito à moradia refletem a intriga subjacente às reportagens, isto é, a exclusão social e os problemas ecológicos na região norte brasileiro.

Das ponderações e proposições de Zizek sobre os impasses que assolam o capitalismo liberal global, incluímos as exclusões sociais

⁷ Que corresponde ao quinto movimento de análise no estudo original.

Quadro 3. Recomposição da intriga.

Chart 3. Restoration of intrigue.

Recomposição da Intriga	
Grande tema Intrigas socioambientais atuais no Brasil	
Subtema Preservação da Floresta Amazônica e luta pelos direitos civis (agrários)	
Desdobramento Tensões entre duas partes interessadas	
Moradores de terras que retiram da floresta sua condição de sobrevivência	Fazendeiros, funcionários, pistoleiros que usufruem da floresta amazônica para produtividade e fins econômicos
Intriga em comum reportada Exclusão social e problemas ecológicos na região norte do Brasil	

motivadas por questões de propriedade e os impasses ambientais reportados como parte fundamental dos antagonismos atuais, *novos apartheid, ecologia e propriedade privada*. A relação dual entre moradores locais/tradicionais da região amazônica e latifundiários, contida nas reportagens, dá a ver um embate *incluídos versus excluídos*, estreitamente ligado aos contextos dos novos *apartheids* antes referidos, evidenciando uma perspectiva de luta entre interesses comuns e privilégios. No que se refere ao ecológico, a Floresta Amazônica faz parte dos interesses postos em conflito pelas reportagens. Conforme é possível ler em reportagens como *Maria do Carmo luta por sua comunidade e pela floresta* e *Láisa luta pela terra e pela memória de sua irmã*, parte da luta dessas mulheres se refere à preservação pela Floresta Amazônica, além de serem contra a destruição e a poluição desta por parte de empresas, deixando transparecer, novamente, uma briga própria dos impasses do contemporâneo e a centralidade do verde como problemática.

Considerações finais

Com a diluição de fronteiras do mundo atual, enxergamos impasses que permeiam lógicas globais e que, por sua vez, reiteram a recusa de sistemas políticos e econômicos em adotar revisões em seu funcionamento, permitindo que os históricos efeitos negativos no ambiente e na vida das populações sejam não

minimizados, mas impedidos de acontecer. O filósofo Slavoj Žižek, trazido na discussão aqui empreendida, colabora para esta reflexão ao adotar uma visão crítica acerca dos problemas atuais. Para ele, vivemos num tempo marcado por antagonismos fortes o suficiente para exigirem uma mudança que possa radicalmente mexer na estrutura da democracia liberal-capitalista, cuja existência gera consequências drásticas nas vidas já fragilizadas. São eles os novos *apartheids*, os problemas ecológicos, os impasses da propriedade privada (intelectual) e a biogenética.

Ao mesmo tempo, é parte fundamental da prática jornalística tratar dos assuntos complexos e dar a ver o tempo em que vivemos, permitindo que as pessoas possam se situar no meio das tensões sociais. Como prática social e discursiva, o jornalismo possui um privilegiado – pois autorizado – lugar de falar sobre os problemas do mundo. Na consolidação das suas formas narrativas, foram atribuídos a ele consensos e especificidades na forma de conduzir a prática tendo em vista certos efeitos no público (credibilidade, neutralidade, veracidade), consolidando-se nos formatos e nos suportes tradicionais (televisão, rádio, impresso). Na atualidade, a digitalização, com a amplitude dos recursos da *web*, possibilitou visitar e ampliar lugares não-hegemônicos para o jornalismo.

A atuação da *Agência Pública* de jornalismo investigativo, aqui tratada, faz uso desse lugar de narrar que o ambiente digital oferece. Per-

cebemos direcionamentos de informação e trabalho com as vozes de determinados sujeitos que passam a conviver na esfera de conversação social com a reportagem jornalística tradicional, porém, não hierarquizando suas fontes e seus personagens de acordo com suas “funções” na sociedade. Assim, a *Pública*, ao pautar os problemas emergentes do Brasil, faz trabalhar depoimentos de sujeitos ditos “comuns” e que estão à mercê dos conflitos em que se veem envolvidos. Verificamos que a *Pública* acaba por projetar, conceitualmente, a leitura proposta por Zizek sobre o tempo presente, conforme abordado ao longo da exposição.

Pela análise empreendida, percebemos que a *Pública* realiza um tratamento diferente dos sujeitos que faz aparecerem em sua narrativa, privilegiando suas histórias de vida. Eles são organismos fundamentais no texto e medeiam o empreendimento narrativo do repórter. Além disso, sua narrativa apresenta modos que rompem com a estrutura normalizante do jornalismo. O autor se posiciona claramente nas versões que escolhe, adjetiva os personagens e as situações, além de descrever os bastidores das entrevistas e do processo de apuração, assumindo um envolvimento com a história narrada. Na recomposição do contexto, vimos que todas as reportagens da série trabalhada tratam dos conflitos socioambientais brasileiros, colocando em tensão duas partes, os moradores que lutam por terra e pela floresta *versus* fazendeiros, latifundiários e seus pistoleiros, a quem interessa a concentração agrária e a exploração da floresta. Na série *#Marcadasparamorrer*, a *Pública* não apenas denuncia os antagonismos da ordem global ao tratar da realidade brasileira, mas, também, mostra como eles estão bem próximos das relações sociais mais íntimas do nosso atual cotidiano, nas vidas de pessoas comuns que lutam por sobrevivência e dignidade.

Referências

- BENJAMIN, W. 1994. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 257 p.
- CARVALHO, C. 2012. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. *Matrizes*, 6(1-2):169-187. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v6i1-2p169-188>
- GENETTE, G. 1995. *Discurso da narrativa*. Lisboa, Vega, 276 p.
- LEAL, B. 2013. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: B. LEAL; C.A CARVALHO (orgs.), *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo, Intermeios, p. 25-48.
- MACHADO, I. 2013a. Essa é Maria Raimunda, líder do MST no Pará, ameaçada de morte. Disponível em: www.apublica.org/2013/07/essa-e-maria-ramunda-lider-mst-para-ameacada-de-morte. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013b. Presa e ameaçada de morte, testemunha ainda teme pela vida. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/07/presa-ameacada-de-morte-testemunha-ainda-teme-pela-vida/>. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013c. “Tu sabes que se a gente perder a terra, tu vais perder a vida”. Disponível em: www.apublica.org/2013/07/tu-sabes-se-gente-perder-terra-tu-vais-perder-vida/. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013d. Graciete carrega na carne a bala dos assassinos de seu pai. Disponível em: www.apublica.org/2013/07/graciete-carrega-na-carne-bala-dos-assassinos-de-seu-pai/. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013e. Nicinha e o sindicato rural dirigido apenas por mulheres. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/07/nicinha-sindicato-rural-dirigido-apenas-por-mulheres/>. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013f. Cleude, com medo, tenta pegar na mão de Deus. Disponível em: www.apublica.org/2013/07/cleude-medo-tenta-pegar-na-mao-de-deus/. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013g. Ameaçada desde 1996, Regina sonha viver em paz. Disponível em: www.apublica.org/2013/07/regina-sonha-viver-em-paz/. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013h. Maria do Carmo luta por sua comunidade e pela floresta. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/07/maria-carmo-luta-pela-sua-comunidade-pela-floresta/>. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013i. Maria Joel da Costa herdou a luta e as ameaças de morte. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/07/marcadas-para-morrer-maria-joel-da-costa-herdou-luta-ameacas-de-morte/>. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013j. Laisa luta pela terra e pela memória da irmã. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/07/marcadas-para-morrer-laisa-luta-pela-terra-pela-memoria-da-irma/>. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MACHADO, I. 2013k. Elas, marcadas para morrer. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/07/marcadas-para-morrer/>. Acesso em: 20/11/ 2013.
- MOTTA, L.G. 2007. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: C. LAGO; M. BENETTI (orgs). *Metodologia da pesquisa em jornalismo*, Petrópolis, Vozes, p. 144-167.
- RESENDE, F. 2009. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades de Encontro. *Galáxia*, 1(18):31-43.
- RESENDE, F. 2011. As desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: G.

- SILVA; A. LEMOS; C. BERGER; M. BARBOSA (orgs.), *Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas*. Salvador/EDUFBA, Brasília/Compós, p. 120- 134.
- RICOEUR, P. 1994. *Tempo e narrativa (tomo1)*. v. 1. Campinas, Papirus. 327 p.
- SANTOS, B.S. 2002. *A crítica da razão indolente*. 4ª ed., São Paulo, Cortez. 415 p.
- SCHWAAB, R; BARRETOS, D; DIAB, C.R; LAGO, F.M.C. 2013. Agência Pública e Repórter Brasil: narrativas não-hegemônicas sobre o contemporâneo. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto, 2013. *Anais...* Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-alternativa/agencia-publica-e-reporter-brasil-narrativas-nao-hegemonicas-sobre-o-contemporaneo>. Acesso em: 16/11/2013.
- ZIZEK, S. 2009. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo, Boitempo, 136 p.
- ZIZEK, S. 2011. *Em defesa das causas perdidas*. São Paulo, Boitempo, 447 p.
- ZIZEK, S. 2012. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo, Boitempo, 366 p.

Submissão: 20/05/2014

Aceite: 13/06/2014